

## O erotismo místico e a sensualidade da mulher em “mulher nua” de Gilka Machado

Ana Caroline do N. NERI<sup>1</sup>  
Francisco Xavier de O. NETO<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho pretendemos estudar, apoiados na noção de erotismo de Castello Branco (1984), no mito de Eros e na noção de impulso erótico como busca de conexão, relatado por Aristófanes em *O Banquete*, de Platão, o erotismo místico e a sensualidade presentes em poemas de *Mulher Nua*, de Gilka Machado, livro lançado em 1922, momento em que a literatura brasileira encarava um impasse entre modernidade e tradição. Para tanto, tomamos como amostra os poemas *Noutes de Junho* e *Ancia Multipla*, em que analisamos a representação do prazer feminino. A análise mostrou que o uso de elementos sinestésicos e elementos da natureza são essenciais na construção da erotização nos poemas, e que há uma necessidade de união dos seres que se amam para gerar a completude.

**Palavras-chave:** Erotismo feminino; Gilka Machado; Sensualidade.

**Abstract:** In this paper we intend to study, supported by the Castello Branco eroticism concept (1984), the Eros myth and the concept of erotic impulse as search connection, reported by Aristophanes in *The Banquet*, Plato, the mystical eroticism and sensuality present in *Naked Woman* poems of Gilka Machado, book released in 1922, at which time the Brazilian literature faced an impasse between modernity and tradition. For this, we sampled the *Noutes de Junho* and *Ancia Multipla*, where we examine the representation of female pleasure. The analysis showed that the use of synesthetic elements and elements of nature are essential in the construction of eroticism in the poems, and that there is a need for unity of beings who love each other to generate completion.

**Keywords:** Female eroticism; Gilka Machado; Sensuality.

### Introdução

O que se pretende com o presente ensaio é analisar o teor erótico existente nos poemas escolhidos do livro *Mulher Nua* da autora Gilka Machado. Para tanto, buscou-se demonstrar o modo como ela constrói o erotismo e como ele se volta para o prazer feminino de modo a não se limitar o prazer ao homem, mas evidenciar através da poesia que a mulher tem fantasias e desejos sexuais, bem como apontar que a mulher pode se dar prazer (orgasmo) sem precisar de um homem fisicamente.

Desde os primórdios, a mulher é vista como um ser que tem

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras na UFC – Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, Ceará. Correio eletrônico: carolineneri.ufc@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Letras na UFC – Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, Ceará. Correio eletrônico: xavierneto@alu.ufc.br.

como função apenas reproduzir a espécie, mas é na Idade Média que países, principalmente ocidentais, se arraigam numa cultura falocêntrica, na qual o homem recebe bastante prestígio e importância, e a mulher, submissa ao homem, é seu objeto sexual; tendo apenas aquele o direito de ter prazer. Esta ideologia refletia-se em todos os âmbitos sociais e na literatura não seria diferente.

Num Brasil de 1922, ocorria a Semana de Arte Moderna, evento responsável por romper com as tradições do passado em diversos setores artísticos, por exemplo, literatura, música e pintura. Estas “revoluções” culturais, contudo, ainda eram centradas na mão dos escritores, pois, nesta época, as mulheres estavam começando a imergir na literatura nacional.

Dentre estas escritoras, escolhemos estudar Gilka Machado. A autora nasceu em 1893, no Rio de Janeiro; era casada com o jornalista e crítico de arte Rodolfo Machado, com quem passou treze anos casada. Desde muito cedo Gilka escrevia e criava poesias e em 1915, lançou seu primeiro livro, “Cristais Partidos”.

Em 1922, mesmo ano da Semana de Arte, Gilka lança o livro “Mulher Nua”, o qual consideramos bem à frente de seu tempo, por trazer poesias de cunho erótico, que expressam a sensualidade, a masturbação e o prazer feminino, ainda que de forma delicada e metaforizada; temas que, na época, eram tabus e “proibidos” de serem tratados por mulheres.

O erotismo em Gilka Machado pode passar despercebido por um leitor desatento, pois este é construído de forma camuflada em seus poemas: a primeira delas é através de sinestésias, elementos da natureza e metáforas e a segunda através do Mito de Eros, que sugere a união.

Para partimos para a análise dos poemas, necessitamos entender alguns conceitos fundamentais, como: erotismo, impulso erótico e Mito de Eros. De acordo com Lúcia Castello Branco em *O que é erotismo* (1984), tentar definir erotismo vai de mão contrária ao desejo e ao impulso erótico, já que o “fenômeno erótico” é incapturável e “não cabe em definições precisas e cristalinas”.

Consoante Castello Branco (1984), o Mito de Eros nos diz que este é o deus do amor, portanto, é ele que “aproxima, mescla, une, multiplica e varia as espécies vivas”. E que estas propostas de união

presentes no Mito se repetem na “fala dos poetas, místicos e dos sexólogos”.

É importante ressaltar que para Castello Branco (1984):

“esta ideia de união não se restringe apenas à noção corriqueira de união sexual ou amorosa, que se efetua entre dois seres, mas se estende à ideia de conexão, implícita na palavra *religare* (da qual deriva religião) e que atinge outras esferas: a conexão com a origem da vida (e com o fim, a morte), com o cosmo (ou com Deus), que produziriam sensações de fugazes, mas intensas, de completude e de totalidade.”

É a partir do Mito de Eros que encontramos o impulso erótico, como podemos ver em Castello Branco *apud* Platão (1984):

“Aristófanes, um dos convidados do banquete, conta que, antes do surgimento de Eros, a humanidade se compunha de três sexos: no masculino, o feminino e o andrógeno. Os seres andrógenos eram redondos e possuíam quatro orelhas, quatro pernas, quatro mãos, duas faces, dois genitais e uma cabeça. Esses seres por sua natureza própria se tornariam muito poderosos e resolveram desafiar os deuses, sendo, por isso castigado por Zeus, que decidiu cortá-los em duas partes”.

Após essa divisão, a lenda nos conta que os novos seres “mutilados e incompletos” passaram a vida em busca de suas metades. Podemos, portanto, observar a ligação existente entre a origem de Eros e o impulso erótico, uma vez que, para os antigos, Eros é o impulso que recompõe a natureza antiga e restaura a antiga perfeição.

E é também daí que surge a ideia de erotismo místico, já que este se caracteriza justamente pelo que Castello Branco *apud* Bataille (1984) chama de “sentimento de nostalgia da continuidade perdida”, ou seja, necessidade de ligação, conexão e completude dos seres relatada em *O Banquete*, de Platão.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observemos os poemas seguintes:

“*Noutes de Junho*”

**I.**  
*Faz tanto frio, tanto frio  
 que, de ti longe, phantazio  
 como gelado has de estar!  
 a noute é clara, nivea, etherea,*

**VII.**  
*E, òh meu Amôr, com que alegria,  
 eu, nesta noute de hivernia,  
 noute de frio tumular,  
 ao lume azul do meu carinho,*

*suggere as noutes da Siberia  
assim nevada pelo luar*

**II.**

*Través a gaze ténue, fina,  
da charpa immensa da neblina  
que tudo vela e no ar fluctua,  
por estas horas dormideiras,  
lembram as altas cordilheiras  
gêlo em montões, montões de Lua.*

**III.**

*Cae neve?- não; porém, humente  
de neve julgo todo o ambiente;  
é uma planície êrma, polar,  
em cuja frente, cujos flancos  
assomam pellos de ursos brancos  
a solidão sem fim do mar*

**IV.**

*Faz tanto frio, tanto, tanto,  
que sonho neve em cada canto  
e penso em ti, meu sonho lindo;  
penso-te, logo, me arrepio.  
ai! quem me dera ser o frio  
que com certeza estás sentindo!*

**V.**

*Todo meu ser se vaporiza,  
se faz mais leve que a briza,  
sóbe, mistura-se com o ar,  
e, em seus anseios se esticando.  
busca sentir o offego brando  
de um coração a palpitar*

**VI.**

*Ai! quem me dera ser o intenso  
frio desta hora que te penso!  
- Tomar-te as mão, o busto, a bocca,  
e te envolver de lado a lado,  
e te deixar branco, espasmado,  
por meu querer talvez de louca!*

*te aqueceria de mansinho,  
- fôra a lareira do teu lar!*

**VIII.**

*O inverno em tudo se insinúa.  
gela-me a frente, o collo; a Lua,  
toda se esvae, toda se espalma;  
e soffro, a um tempo, o duplo aneio  
de te esconder dentro em meu seio,  
de me esconder dentro em tua alma.*

**IX.**

*Então, por ti me abstraio, e cuido  
ser toda essencia, ser toda fluido.  
e, ó devaneio singular!  
fico-me instantes, esquecida,  
tendo na minha tua vida,  
no ultimo espasmo a esfriar, a esfriar*

**X.**

*Vae se tornando mais esguio  
meu ser, por ti toda me esfio  
num elasterio de ansiedade;  
fosse minha alma a do Inverno,  
transmittir-te-ia o frio eterno,  
a gelidez da eternidade.*

**XI.**

*Faz tanto frio, tanto frio,  
que, de longe de ti, phantazio  
algido estejas como o luar  
Por esta noute de Siberia,  
como eu quizera ser etherea  
para em meu gêlo te queimar!*

Para darmos início a análise do poema, atribui-se à Neve o sentido de esperma e/ou gozo; frio, por sua vez, equivale à excitação e por fim, Inverno entendemos como sinônimo de tesão e/ou prazer.

Apartir daí, há de se reconhecer que esta poesia é primordialmente Simbolista, portanto é constituída por sinestésias e estas são, em boa parte, responsáveis por transmitir o caráter erótico do poema. Nos dois primeiros versos, temos a descrição de uma noite fria, tal qual a Sibéria. Ao lermos, percebemos que todos os versos descrevem cenas

contínuas de uma noite de inverno, na qual o eu-lírico fantasia um ato sexual com o ser amado.

Na estrofe I: **"Faz tanto frio, tanto frio ... que, de ti longe, phantazio ... como gelado has de estar!"** A distância do amado expõe o eu-lírico a uma situação de excitação, uma excitação e desejo que não podem ser concretizados fisicamente pelos amantes.

Em III: **"Cae neve?- não; porém, humente ... de neve julgo todo o ambiente;"** Não cai neve nesse momento, não há esperma, pois ela está longe daquele que deseja. Entretanto, ela reconhece que o local que ela se encontra já fora contemplado pela luxúria e pelo gozo (neve).

É na estrofe IV que o delírio começa: **"Faz tanto frio, tanto, tanto, que sonho neve em cada canto."** Ainda nesta estrofe vemos o uso da sinestesia denotando o erótico em **"penso-te, logo, me arrepio... ai! quem me dera ser o frio que com certeza estas sentindo!"**

Em seguida (estrofe V) notamos que o eu-lírico, envolto pelo arrepio que o desejo lhe causara, encontra-se em estado inicial de volúpia, passa a misturar-se com o ambiente: **"Todo meu ser se vaporiza,... sóbe, mistura-se com o ar..."**, contudo, não lhe parecer ser suficiente esta fusão, pois ainda anseia **"... sentir o offego de um coração a palpitar"**.

Adiante (estrofe VI), estado médio da luxúria, é possível perceber a ebulição em que o eu-lírico se encontra, que é criada metaforicamente ao longo da cena: **"ai! quem me dera ser o intenso frio desta hora que te penso!"**. A palavra *frio* remete à excitação. Depois temos: **"- tomar-te as mãos, o busto, a bocca, e te envolver de lado a lado, e te deixar branco, espasmado..."**. É notório que este trecho denota as carícias de um ato sexual.

E estas carícias continuam ao longo da estrofe seguinte: **"ao lume azul do meu carinho,"** em que temos Lume como sinônimo de fogo, a qual é completada em **"te aqueceria de mansinho, - fôra a lareira do teu lar!"**. Destaca-se que o fogo, com sua característica de curar o frio, é reflexo da realização de tanto desejo, excitação e tesão. O eu-lírico, nessa passagem, anseia concretizar seus pensamentos através do fogo que extingue o frio.

Mais uma vez, na estrofe VIII, temos uma construção metafórica

de palavras, através da associação do Hinverno com o tesão, vejamos: **“O hinverno em tudo se insinúa. gela-me a fronte, o collo;”** de modo que o tesão lhe percorre o corpo por completo. Podemos observar, ainda, a personificação da lua, que escrita com letra maiúscula, nos dá a impressão de representar um dos seres da fantasia, mais precisamente a mulher, que está entrando no ápice do coito: **“a Lua, toda se esvae, toda se espalma;”**.

Em IX, temos a continuidade da ideia de orgasmo visto a pouco: **“Então, por ti me abstraio, e cuido, ser toda essencia, ser toda fluido. e, ó devaneio singular!”**. Para, então, os dois juntos gozarem: **“fico-me instantes, esquecida, tendo na minha tua vida no ultimo espasmo a esfriar, a esfriar.”**

A estrofe seguinte é responsável por dar fim ao orgasmo: **“Vae se tornando mais esguio meu ser, por ti toda me esfio”**. É possível observar também que o eu-lírico espera que seu prazer não acabe ali, perdurando por toda eternidade: **“fosse minha alma a do Hinverno, transmittir-te-ia o frio eterno, a gelidez da eternidade.”**.

A última estrofe nos reforça a ideia de eternidade, pois sua semelhança com a estrofe inicial do poema nos faz pensar que há um ciclo de prazer, que, quando chega ao fim, retorna ao começo: **“Faz tanto frio, tanto frio, que, de longe de ti, phantazio... Por esta noute de Siberia, como eu quizera ser etherea, para em meu gêlo te queimar!”**

*“Ancia Múltipla”*

**I**

*Dentro da magoa da auzencia tua,  
teus beijos pairam, tremulando,  
como constellações numa noute sem Lua;  
num carinho muito.forte ou muito brando,  
teus beijos sempre me estão beijando.*

**II**

*Quando me beijas, os meus sentidos  
ficam todos nos lábios reunidos  
para beijarem o teu beijo, Amor!  
Por certo pensarás que a paixão me treslouca:  
teus beijos não os sente minha bocca,  
sente-os meu ser interior*

**III**

*Quando longe te estás.  
teu beijo sabe muito mais!.  
gozo-o, egoisticamente,  
parada, na mudez de um solitário ambiente,*

*sem que t'ó retribua,  
gozo-o por toda a epiderme núa,  
indefinidamente.*

**IV**

*Na solidão,  
teu beijo ganha mais calor e outra extensão:  
largo, infinito, electrizante,  
sinto-o, em tremores e em desmaios,  
vestir-me o corpo a cada instante,  
qual uma túnica de raios!*

**V**

*Teu beijo dá-me a sensação  
de uma carícia que perfura.  
Teus beijos matam a amargura  
que me atormenta  
de uma forma longa e lenta.  
Ignoro os meus sejam eguaes  
aos teus que, ás vezes, são  
finos e penetrantes  
como punhaes.*

**VI**

*Teus beijos. (delles trago os meus sentidos cheios)  
teus beijos claros e humectantes,  
ficaram-me na vida, como veios  
de água, em deslizes e em descarnes...  
Teus beijos, os teus beijos caminhanes, dão um pouco de  
frescura aos meus anceios  
que eram desertos abrasados antes.*

**VII**

*Teus beijos são elásticos, por certo,  
elles se esticam tanto no meu sêr,  
que, por sentil-os, julgo crescer  
de tal maneira que nem te posso explicar,  
de tal maneira que medito:  
é assim  
que se espreguiça o aroma no ar,  
e que o vento se alonga no deserto,  
e a luz se espalha pelo infinito.*

**VIII**

*Beija-me sempre, e mais, e muito mais!.  
na minha bocca esperam outras boccas  
insaciadas e loucas  
os beijos deliciosos que me dás!.  
Beija-me ainda, ainda mais!.  
em mim sempre acharás*

**IX**

*á tua vinda  
volupiasvirginaes  
e, beijando-me tanto, não confortas  
a anciã infinita dessas virgens mortas*

*que, em ímpetos violentos,  
se manifestam nos meus sentimentos!  
Beija-me mais, põe todo o teu calor  
nos beijos que me deres,  
pois vive em mim  
a alma de todas as mulheres que morreram sem amor!*

## **Considerações finais**

Após a leitura do livro e análise das poesias, percebemos que Gilka é uma mulher à frente de seu tempo, pois seu livro trata de temas considerados tabus para boa parte das mulheres no início do século XX, como a erotização, o orgasmo feminino sem a presença física de um homem e a masturbação.

Notamos também que, na primeira poesia analisada, encontramos um impasse entre as raízes Simbolistas e as raízes Modernistas, pois esta é essencialmente Simbólica, já que faz usos de sinestésias e elementos naturais, estas características, entretanto, são usadas com ousadia pela poetisa para expressar as sensações do prazer.

Já em seu outro poema analisado, percebemos que a construção do erotismo se dá através de uma misticidade, pois nele há um “apelo” pela conexão com o outro, o eu-lírico busca a completude em seu ser amado, assim como vemos no Mito de Eros.

## **Referências**

BRANCO, Lúcia Castello. In: *O que é erotismo? Primeiros passos*, Vol. 11. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1984.

MACHADO, Gilka. In: *Noutes de Junho. Mulher Nua*. Rio de Janeiro: arcevo digital - Brazilianas, 1922.

MACHADO, Gilka. In: *Ancia Multipla. Mulher Nua*. Rio de Janeiro: arcevo digital - Brazilianas, 1922.

Recebido em: 19 de set. de 2015.

Aceito em: 26 de jun. de 2016.